

Linguagem do Silêncio: Psicanálise e Surdez

*Paulo César da Silva Gonçalves**

Introdução

Desde os primórdios da humanidade, a surdez tem sido objeto de polêmica, e, até hoje, constitui desafio para educadores, terapeutas, lingüistas e profissionais da área médica.

A história humana revela conflitos no processo de compreensão do fenômeno da surdez, considerada ora como maldição, loucura, aberração, ou como patologia congênita ou adquirida.

Mas percebe-se claramente uma luta de poder entre ideologias políticas, sociais, culturais e educacionais, pela negação ou aceitação da cidadania da pessoa surda.

Como toda minoria, a comunidade surda ainda terá que lutar por muito tempo até conquistar o direito de exercer com plenitude sua cidadania e a liberdade de decidir e conviver socialmente. Mas é inegável que, nos últimos anos, houve um avanço nessas conquistas.

Contudo, o surdo ainda carece de uma compreensão mais clara de suas angústias, expectativas e demandas individuais e sociais. É nesse sentido que temos buscado caminhos além da sua educação e integração no mercado de trabalho, que contemplem não somente metas assistenciais, mas que visem, sobretudo, ao crescimento e à auto-realização, em suas dimensões moral, intelectual e espiritual.

Diante de desafio tão intrigante, entendemos que o atendimento psicológico à pessoa surda, praticamente inexistente no Brasil, pode constituir trilha possível para adentrarmos essa linguagem do silêncio, aprendendo a ouvir com os olhos, e perceber, na magia dos gestos e movimentos, as imagens da alma e do inconsciente.

**Psicólogo da APADA, Brasília, DF.*

Material recebido em setembro de 2005 e selecionado em outubro de 2005.

Psicologia da surdez?

Nos últimos anos, já é possível falar em “psicologia da surdez”, considerando que o surdo possui uma língua natural, a Libras, de natureza gestual-espacial, com todas as características da língua falada. A pergunta que se impõe então é: **A mente (psiquismo) do surdo é diferente da do ouvinte?**

Minha experiência como psicoterapeuta voluntário da Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos do DF — APADA-DF, nesses últimos quatro anos, tem me levado a reflexões que apontam não para uma **diferença qualitativa ou estrutural**, mas para **ruídos**, que obstruem o fluxo da comunicação.

Como ponto de partida para nosso trabalho, pressupomos que a surdez representa apenas um déficit na comunicação, perfeitamente superável, e não uma patologia a ser “curada”. A pessoa surda, com exceção dos casos em que há seqüelas psiconeurológicas, decorrentes de traumas físicos ou doenças sistêmicas, é capaz de ter um desenvolvimento cognitivo compatível, e de aprender habilidades como qualquer ouvinte. O acompanhamento fonoaudiológico, concomitante com o atendimento psicológico, é, no meu entendimento, fundamental para o desenvolvimento e educação do surdo.

O grande obstáculo ainda parece ser a falta de informação sobre a surdez, além dos preconceitos e da discriminação imposta pela grande maioria da sociedade ouvinte. A própria família do surdo, muitas vezes, ainda o rejeita, e sente o constrangimento de ter no grupo familiar o “estigma” de uma grande tragédia.

Técnicas e procedimentos terapêuticos

Na entrevista inicial, com a presença de um dos pais (geralmente a mãe) ou responsável, é feita a anamnese, histórico de vida e da surdez.

O atendimento é realizado em sessões semanais, com duração de 50 minutos.

A abordagem clínica é sugerida caso a caso. No entanto, alguns procedimentos têm-se revelado eficazes no estabelecimento de um vínculo terapêutico, tais como:

1. **Grafismo.**
2. **Mágicas e brincadeiras.**
3. **Acesso ao computador.** (*softers* especiais, que permitem diversão e, ao mesmo tempo, observação de padrões comportamentais, coordenação motora, níveis de frustração / agressividade, desenvolvimento cognitivo e outras habilidades / aptidões).
4. **Escuta.** O surdo é “tagarela”, gosta de desabafar, repetindo no início as mesmas histórias, reclamando da falta de comunicação com os ouvintes. A intervenção do terapeuta ocorre no estágio de “fadiga” do discurso, quando ele se torna receptivo.
5. **Informação pedagógica.** Sempre que possível, oferecer novos conceitos e informações práticas, para o autoconhecimento e compreensão do mundo, com vistas à melhor comunicação e interpretação dos conteúdos trazidos durante a terapia.

Conclusões e resultados da experiência terapêutica

- A convivência com os surdos, tanto nas relações terapeuta-paciente quanto no intercâmbio social, tem demonstrado que o psiquismo do surdo não difere, em sua natureza, do da pessoa ouvinte.
- Enquanto os ouvintes adotam uma **Ética Moral**, baseada em valores e crenças culturais, e em critérios maniqueístas, o surdo vivencia o que alguns psicólogos chamam de **Ética da Vida**. Para o surdo, o que valida a ação é se ela atende ou não aos objetivos e necessidades básicas da vida (sobrevivência, prazer, saciação).

Surdocegueira

A surdocegueira (surdez associada à cegueira) inclui-se, de modo geral, na categoria de deficiências múltiplas, pois quase sempre vem acompanhada de outras patologias.

As limitações impostas por essa deficiência provocam grande sofrimento psicológico, resultando em isolamento social e relacional

e, se não tratada adequadamente, pode levar à total incapacitação do indivíduo.

Até pouco tempo considerada como inacessível a qualquer abordagem psicoterapêutica, a surdocegueira é atualmente objeto de atendimento, em caráter experimental, na APADA-DF.

Hellen Keller é um exemplo de que nada é impossível quando existem a ajuda profissional adequada e a determinação e vontade pessoal de superar os obstáculos. Surdocega desde os dezoito meses de idade, ela aprendeu a falar e ler Inglês e outras línguas estrangeiras, concluiu curso superior e se tornou professora, escritora e conferencista internacional. Escreveu, com clareza e precisão, o livro “História de minha vida”, verdadeiro monumento à força de vontade e superação.

Psicanálise e surdez

Escuta psicanalítica em Libras

A psicanalista Maria Cristina Petrucci Solé faz uma reflexão sobre a psicanálise em língua de sinais, e indaga sobre “como a psicanálise poderia atuar em uma língua que se utiliza da imagem, daquilo que nos é dado ver?”, e ainda sobre “o que escuta um analista quando seu analisante ‘fala’ em língua de sinais?”.

Segundo ela, na escuta psicanalítica, a língua de sinais é uma segunda língua para o analista, da mesma forma que o Português é uma segunda língua para o surdo. No decorrer da análise, ocorre sobreposição das duas línguas, produzindo atos falhos, esquecimentos, ora numa língua, ora noutra. Embora isso não constitua impedimento para o trabalho psicanalítico, o analista deve estar atento para a escuta dessa outra língua que se imiscui no discurso, pois nela sempre está uma manifestação do inconsciente.

Psicanálise e identidade do surdo

A psicanalista e socióloga Leny Magalhães Mrech, da Universidade de São Paulo, investigou, a partir da teoria lacaniana, os principais impasses no processo de constituição da criança surda, o que chamou de “um olhar psicanalítico a respeito da identidade do surdo”, observando os seguintes passos:

- diferenças entre as abordagens da Psicologia e da Psicanálise;
- influência dos conceitos de desenvolvimento e estrutura na compreensão do processo de constituição da criança surda;
- construção do conceito de identidade do surdo à luz do processo de constituição do sujeito, em contraposição ao mero produto de processos estabelecidos pelas teorias de desenvolvimento.

Enquanto a Psicologia busca explicações teóricas sustentadas por validação científica, visando estabelecer regras gerais de comportamento, a Psicanálise lida com o processo de **alteridade**, no sentido de que o sujeito se constitui a partir das relações com o **Outro**.

Referências Bibliográficas

- BRITO, L. F. Estrutura lingüística da Libras. In: **Introdução à Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: APADA/DF, 2002.
- IACERDA, B. F. L.; GÓES, M. C. R. (Org.). **Surdez - processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.
- MRECH, L. M. **Um olhar psicanalítico a respeito da questão da identidade do surdo**. Conferência-proferida no V Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro: INES, 2001.
- SACKS, O. **Vendo vozes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, R. C. J. **Educação dos surdos: aspectos históricos e institucionais**. Brasília: UnB, 2001.
- SOLÉ, M. C. P. **A clínica psicanalítica em Língua de Sinais: algumas reflexões de uma analista ouvinte sobre esta prática**. 2005. Disponível em: [www.truenet.com.br/html/psicanálise e surdez.htm](http://www.truenet.com.br/html/psicanálise_e_surdez.htm)

